

Das metáforas como possibilidades: "os retalhos e a colcha"

"A possibilidade de aprender é muito mais ampla que a possibilidade de ensinar" Guillermo Orozco Gómez

Construir textos objetivando compartilhar a trajetória no campo do conhecimento em Educação e Psicopedagogia tem sido uma prática prazerosa e possibilitadora de intercâmbio com diferentes pessoas e espaços em minhas vivências como educador e psicopedagogo atuando em cursos de pós-graduação e capacitação de professores. Este texto, objetivado a sistematizar um conjunto de contribuições significativas à nossa reflexão sobre a importância dos novos paradigmas na práxis educacional, é, na verdade, um novo olhar que lanço para temas complexos por mim já trabalhados em outros momentos.¹

Sabendo que nossas novas leituras (de mundo, de vida, de novos livros e autores) envolve novos esforços à compreensão, a perspectiva que crio aqui é fazer uso de algumas novas metáforas e tecer uma colcha de alguns significativos retalhos, elencando idéias que, em sua totalidade, podem contribuir para a construção de novas reflexões sobre prática pedagógica e cotidiano escolar.

O uso de metáforas tem sido estratégia recorrente em minhas produções textuais e a metáfora que pretendo discutir aqui está vinculada à colcha e retalhos. Segundo Aristóteles, metáfora é uma palavra usada no sentido alterado, uma figura de retórica na qual fazemos uma comparação utilizando uma ou mais palavras que denotam outra² coisa para representar, em nosso pensar, qualidades que são definidoras de uma outra. A metáfora aqui está voltada para retalhos e colchas.

Em minha infância, de vez em quando, minha avó, minhas tias e minha mãe faziam colchas de retalhos. E neste fazer, havia um jeito, um modo de proceder. Dos retalhos obtidos, alguns até mesmo colecionados para tal fim, se fazia uma escolha, que podia ser motivada pelas cores, texturas, tamanhos dos retalhos, estampas, enfim, pelas características de cada parte de um tecido que já tinha sido maior. Tais retalhos poderiam, em muitas vezes, serem apreciados anteriormente, para depois ser decidido o seu destino. Havia trocas de retalhos, e as idéias surgiriam assim: - Estes estão bonitos: ficarão bem numa colcha. - Esses podem servir para se fazer às bainhas, estes outros podem ser arrumados em forma de flor, ficarão bonitos. - Experimenta para você poder ver como vai ficar.

Deste modo, tesouras, agulhas, linhas entravam em ação pelas mãos de quem buscava fazer de algo, até então sem sentido - apenas um pequeno retalho-, uma outra coisa, bonita, útil, vistosa e admirada por muitas outras pessoas. Fazer deste retalho, uma coisa agora significada e trazida à luz pelas mãos de quem se propôs a tal tarefa; deles, os tais retalhos, uma bela colcha, algumas almofadas, cortinas coloridas, quando não viravam "fuxicos", uma outra estratégia para organizar elos de um todo que geram beleza, admiração, formas e organizações de cores, tamanhos e tecidos até então inusitados.

Se alguém ao ler este texto lembrar de como isso era e ainda é feito, concordarão comigo que muitas possibilidades de reflexão podem ser criadas aqui para pensar sobre nosso fazer

pedagógico, sobre nossa prática educativa e da imensa necessidade de unir esforços, inúmeros retalhos pinçados do cotidiano, onde, em muitos momentos, não damos a eles o verdadeiro valor, a verdadeira significação.

Estarmos em busca de novos referenciais para nossas ações educativas, necessariamente nos exige unir retalhos, escolher modos e formas de fazer onde possamos aproveitar todas as potencialidades presentes em nosso dia a dia, em nossas rotinas no "espaço-tempo" do educar, no "espaço-tempo" da escola.

Há uma imensidade de saberes e fazeres a serem praticados, vivenciados. E na busca por novas idéias que fundamentem nossa costura cotidiana neste complexo fazer, uma possibilidade reside no ato do intercâmbio, da troca, da validação de nossos perenes processos de formação permanente, que acontecem ao longo de nossas vidas, repletas de desejos, ansiedades, frustrações, alegrias, esperanças, enfim.

Enquanto seres em processos de aprendizagens, todos nós podemos contribuir para construção de uma nova colcha de retalhos, que valide cada parte deste todo, chamado escola, e que constitui, para mim, um conceito essencial, sobre o qual tenho buscado me aprofundar: "espaço-tempo" escola. Não estamos presentes nas instituições apenas espacialmente: para este lócus, levamos as marcas do tempo de nossa história, levamos para este espaço nossa própria condição humana. Assim, enquanto seres históricos, com nosso passado e nossa formação e deformações, tecemos fio a fio outros momentos, outros eventos na continuidade de nossa trajetória, inseridos neste "tempo-espaço", essencial em nossa contemporaneidade. Dito isto, ganha ares de grande importância atentarmos para a questão paradigmática de nosso tempo e suas imbricações à práxis educacional. Paradigma (do grego *parádeigma* = modelo, padrão) é a denominação que podemos dar para um conjunto de regras e regulamentos, que além de estabelecerem limites, nos mostra como tais regras e regulamentos possibilitaram alternativas para a solução de situações problemas, que dentro desses limites, vivenciamos.

Podemos compreender paradigmas como sendo filtros selecionadores do que de fato percebemos e reconhecemos e, assim, podemos fazer recusas ou distorções vinculados aos dados que não se aproximam das expectativas que com eles criamos. O termo paradigma surge amplamente no contexto das ciências sociais e humanas depois da publicação de "A Estrutura das revoluções científicas", onde Thomas Kuhn faz elaborado estudo sobre tal tema. Em "Introdução ao pensamento complexo" (1990), Edgar Morin, nos mostra os paradigmas como princípios "supralógicos" de organização do pensar, para ele tais princípios, escondidos e que, quer tenhamos consciência ou não, interferem em nossas visões de mundo e, assim, acabam por exercer forte controle na lógica de nossas ações e discursos. Ainda em Morin, tais paradigmas exercem comando nas nossas opções de dados e informações significativas e, ainda, no momento onde recusamos àqueles não-significativas.³

Em nossa vida cotidiana, os paradigmas representam papel importante. VASCONCELLOS (2003) nos trás uma excelente citação vinculada a esta questão:

"O aspecto mais interessante da visão de mundo de uma sociedade é que os indivíduos que

aderem a ela, na maior parte, são inconscientes de como ela afeta o seu modo de fazerem as coisas, de perceberem a realidade em torno deles. Uma visão de mundo só funciona, na medida em que é tão internalizada, desde a infância, que permanece não questionada. (p.5) (...) somos tão presos no nosso paradigma que todos os outros modos de organizar nossos pensamentos parecem totalmente inaceitáveis"4

Neste sentido, de que forma modificar nosso sistema de crenças, nossas estruturas internas, que condicionam nossos fazeres e nossas práticas? Como, na formação inicial e continuada de educadores, contribuir para tal rico processo? Mesmo sabendo que existem coisas e fatos irrefutáveis, nossas famosas verdades, e que as crenças nos dão base e sustentação para o nosso modo de ser e estar no mundo, tudo é passível e sujeito de questionamentos, principalmente se nos basearmos em experiências que contradizem tais verdades e crenças.

Em nossas funções vinculadas à cognição, sabemos que possuímos capacidades de manutenção internas de um ou mais paradigmas, que são definidores de nossas visões de mundo, onde é possível perceber nossas metas e objetivos e as amplas possibilidades de ação que vivenciamos com o intuito de alcançá-los. Através dos nossos paradigmas filtramos nossas percepções.

Nas nossas vivências, chegamos à negação de alguns acontecimentos por conta de nossos sistemas de crenças, construídos em a partir das relações e dos modelos com os quais fomos socialmente construídos. Superar os paradigmas que não nos são úteis é tarefa humana essencial para nosso contínuo crescimento, para nossa busca por evolução. Alguns paradigmas, quando agrupados, formam nossas resistências às mudanças e nos colocam em posição de permanência e medo, impeditivos da criatividade e da ousadia de fazer diferente, envolvendo nosso pensar num labirinto onde, quase sempre, nos perdemos.

É preciso acreditar que podemos ir além daquilo que os outros sonharam para nós e pensarmos que, inevitavelmente, poderemos ampliar nossas capacidades, recriar nossas competências e refazer nossas habilidades.5

Paradigmas emergentes no contexto educacional: procurando novos referenciais.

"Sempre dá para fazer uma pirueta com a esperança" Félix Guatarri

Mudar paradigmas não é tarefa fácil no "espaço-tempo" da escola. Entretanto, devemos continuar a caminhada utópica de muitos educadores ao longo da história que dedicaram suas vidas e trajetória no intuito de alimentar os desejos de construção de um outro modo de ser e estar em educação. De Comenius a Darci Ribeiro, de Rousseau a Anísio Teixeira, de Sócrates a Paulo Freire, entre outros tantos educadores, com suas diferentes propostas, sempre tivemos, na História da Educação exemplos de sujeitos pensantes que observavam a realidade e não se contentavam com as permanências e com os modos de agir e fazer em educação vigentes em sua época. No pensamento humanista, muitas propostas de mudança à prática pedagógica foram instituídas e colocadas em discussão e experimentação.

Enraizados no inconsciente coletivo, distantes dos questionamentos e das atualizações presentes no mundo contemporâneo, muitos paradigmas permanecem e tarefa nossa, hoje, é propor caminhos para que os modelos que não conseguem mais compreender nosso mundo e suas múltiplas realidades sejam alterados. Se o mundo mudou, se as questões do nosso

tempo são outras, se os caminhos e avanços das ciências e tecnologias também mudaram e se tantas inovações fazem parte de nossa cotidianidade, onde está o foco que mantém as estruturas educacionais ainda tão arraigadas e com tantas práticas sem significado, sem sentido?

Mesmo com as inovações, os sistemas educacionais ainda fazem apenas cosméticas em sua prática cotidiana. No "espaço-tempo" escolas ainda resistem, bravamente, relações de poder, distanciadas do cooperativismo, desvinculadas dos pilares proposto pela UNESCO para a Educação do século XXI. Nas inúmeras salas de aula ainda permanecem determinadas formas de conduzir e fazer educação completamente antiquadas ao tempo presente que ora vivenciamos.

Hoje, talvez mais do que em qualquer outro tempo de nossa história, vivenciamos imensos desafios enquanto seres humanos. Mudar o modo de enfrentar tais desafios é questão a ser constantemente debatida: nossa experiência humana nos trouxe até este momento crucial da vida de todo o planeta. Os antigos paradigmas não conseguem mais explicar as diferentes facetas do mundo contemporâneo: é preciso a criação de outras e novas possibilidades.

Neste sentido, todos os que atuam e podem colaborar para a construção de um novo modo de ser e estar em educação necessitam renovar suas energias e continuarem a acreditar nas imensas potencialidades presentes no cotidiano da escola. É essencial estarmos em movimento de abertura ao novo, indo além, acreditando na capacidade da mudança e nas alterações necessárias ao nosso fazer. É preciso compreender que a busca por novos paradigmas educacionais é um exercício de possibilidades, inovando e criando técnicas para tal e termos a exata consciência de que somos, todos e todas, diferentes.

As diferenças nos possibilitam o crescimento e a compreensão da unicidade de cada ser. Iniciativas de formação continuada no próprio "espaço-tempo" da escola onde vivenciamos nossas práticas educativas podem ser de extrema valia na procura de resignificação do cotidiano. Em algumas experiências vivenciadas por mim na formação continuada de educadores, tenho observado o quanto isso é importante, essencial e válido para a melhoria das ações desenvolvidas por educadores/as.

NEVES (1999) ressalta alguns elementos importantes nesta atuação do psicopedagogo no "espaço-tempo" escola, em trabalhos neste sentido. Para esta autora, processos de formação de grupos objetivados a tal fim faz acontecer a percepção de que " a aprendizagem se constrói dialeticamente, inserida no contexto vincular único daquela situação específica, onde são examinadas, a cada momento, as vicissitudes no aprender, seus significados e conseqüências. Procurar-se romper com as estereotipias, observar e aceitar as diferenças, transformar o velho modo de lidar com o conhecimento ampliando o campo perceptual."6

Neste movimento, a formação de redes de conhecimento e a transformação da escola em um "espaço-tempo" aprendente pode efetivamente colaborar no sentido de rever paradigmas e práticas, de revisitar temas importantes no cotidiano da escola, tais como métodos de ensino e gestão, avaliação, papel dos alunos e professores, e, principalmente, sobre a função social da escola em nossa contemporaneidade.

Redes de conhecimento e escola como espaço aprendente: é possível fazer diferente?

"Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A mágica presença das estrelas!" Mario Quintana

Compreender os desafios inerentes ao processo educativo é como escolher retalhos para a colcha. Hoje, vivemos a tarefa de costurar muitas informações, imensamente divulgadas e a nós disponibilizadas pela gama complexa das mídias eletrônicas e tradicionais. Em tal escolha, fundamental é construir um repertório de estratégias que filtrem o que efetivamente é significativo. Assim talvez possamos nos dar conta de que é em cada sujeito aprendente que reside à magia do estar vivo num mundo repleto de ambivalências. Aprender, hoje, mais do que nunca, deve ser ação humana vinculada ao dinamismo, a espontaneidade, ao prazer e ao natural. Ensinar é possibilitar a configuração de processos de intervenção significativa na realidade, viabilizando a construção de sentidos 7.

No contexto da educação contemporânea, inserida num tempo de sociedade estruturada pelos meios de comunicação, sabemos que estamos aprendendo cotidianamente. Neste sentido a escola deve ser transformada num lócus de emancipação do sujeito enquanto ser humano e aprendente, onde interatividade e comunicação permanente possibilitem que todos acessem, selecionem, compreendam e produzam. Tais ações, essenciais à interação humana consciente de seu tempo e de sua história possibilitam o discernimento e a compreensão crítica das demandas sociais, e favorecem a construção de posturas ética e cidadãs.

Assim, a escola como "espaço-tempo" aprendente contribui para a formação dos sujeitos de nossa contemporaneidade. A educação formal, vivenciada no "espaço-tempo" da escola, sempre foi objeto de análise e discussão, onde críticas e questionamentos sempre estiveram presentes, tanto no que se refere ao seu papel quanto à função e objetividade de suas ações. Entretanto, em nosso tempo presente, neste novo século e milênio, muitas outras questões estão em pauta devido ao próprio contexto em que estamos vivendo, numa era repleta de transformações em todos os campos da atuação humana. Tais transformações, na economia e na cultura, estabelecem características de uma nova sociedade, onde agentes tradicionais de socialização de saberes e conhecimentos são colocados em questão e, com isso, é possível constatar que existe um desafio a ser superado, ou seja, neste contexto, a escola apresenta-se em crise.

O enorme desafio que se coloca hoje, diante da educação, é o buscar pontos de interlocução com as velocidades das transformações, redirecionando o seu olhar e refletir sobre as novas descobertas e avanços, ampliando campos de conhecimento e, ao assim fazer, reconfigurar saberes e encontrar possibilidades de novos caminhos que a tecnologia abre para o mundo.

A educação, de um modo geral e a escola em particular, precisam legitimar o importante papel que possuem na sociedade do conhecimento e da informação em construção no nosso tempo presente e ser efetivo campo de avanços e mudanças, facilitando e ampliando a evolução das humanas capacidades de criação e recriação de modos de ser e estar neste mundo.

A busca perene é a de superar limites e fomentar as diversas transformações, convivendo com a transitoriedade de toda e qualquer verdade, gerando novas interpretações e repensando formas educativas. É de grande valia discutir e refletindo sobre os novos rumos da escola e da educação a partir do relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, que afirma que para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagem fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, a via essencial que integra as três precedentes.

Neste sentido, é urgente a adoção de novos paradigmas para a educação e para a escola, principalmente o paradigma da visão sistêmica (ou interdependência), presente, por exemplo, nas idéias de Peter Senge⁸. Tal visão é contrária ao antigo paradigma mecanicista, ainda presente no cotidiano das instituições educacionais que, com sua organização curricular tradicional, sustenta a fragmentação que impede a visão de conjunto. Em seu trabalho, Senge busca remeter nossa reflexão para o desvelamento da ilusão primordial: a de que o mundo é composto por forças distintas e sem relação umas com as outras.

Ainda de acordo com suas idéias, todas as organizações são sistemas, e desenvolvem-se durante sua existência a partir dos atos, ações e efeitos que nelas ganham presença e vitalidade. Necessário então, é superar a noção de parte isolada e perceber as múltiplas conexões com eventos mais profundos, com movimentos aparentemente díspares. No processo educacional, no decorrer do movimento de escolarização, o fundamental agora é não mais dividir e fragmentar os possíveis problemas, mas sim facilitar a compreensão do todo. No raciocínio sistêmico a busca é pela visão em conjunto, estruturado de modo a possibilitar o encontro com as inter-relações, superando efetivamente o isolamento, a dispersão.

A educação e o "espaço-tempo" escola que nela se insere, devem movimentar-se no intuito de superar a visão fragmentária, criando organizações de aprendizagem, ou organizações aprendentes como nos ensina Fullan e Hargreaves (2000), onde sujeitos conscientes de suas possibilidades e limitações interagem objetivando expansão contínua e ampliando capacidades de criação de novos resultados e padrões de raciocínio. Nesta nova forma de estar junto, no "espaço-tempo" escola, fundamental é buscar aspirações coletivas e fazer com que todos os sujeitos que nela possuem algum tipo de inserção tornem-se sujeitos que continuamente aprendem e aprendem em grupos e equipes, tentando acompanhar a evolução acelerada do conhecimento.

Superar a visão mecanicista, compreender a visão holística e buscar entender com clareza a visão sistêmica é, de fato, um caminho a ser trilhado, para que, em algum momento de nossa evolução, possamos vivenciar em nossa existência planetária e una, a visão ecológica plena, presente em obras de autores tais como Leonardo Boff, F. Capra e Hugo Assmann.

Vital é percebermos que este movimento existe e que possui sua singularidade, tal como possui singularidade cada colcha de retalhos. Enquanto educadores, agentes fundamentais

neste processo, nosso maior empenho deve estar presente no desenvolvimento da consciência das organizações, para que se transformem em climas organizacionais que funcionem como ecologias cognitivas.

Resgatar o sentido pleno da palavra aprender, enquanto desenvolvimento de potencialidades, é o desafio de uma educação global e sistêmica, percebida como um processo contínuo, que permanece com o sujeito ao longo de toda a sua trajetória e existência. O foco principal deve estar presente na permanente busca e construção de saberes e conhecimentos que levem ao desenvolvimento de competências e habilidades significativas e perenes, onde se educar é unir teoria e prática, de modo contínuo, no cotidiano de todos.

Assim, novos paradigmas em educação necessariamente devem privilegiar o desenvolvimento da capacidade de sentir, interagir, pensar, decidir, criar, e adquirir referenciais e competências novas essenciais ao agir/fazer autônomo e adaptado às complexas transformações de nosso tempo. Que possamos escolher bem tais retalhos e que, em nosso cotidiano possamos construir colchas belas, onde nossas ações educativas sejam repletas de Ética e Estética, onde a beleza de sermos eternos aprendizes se configurem em manhãs novas, de céu azul e sol brilhante.

Referências:

- 1 Conferir: O fio, a rede e o equilibrista: a busca permanente da teoria no campo. Conferência por mim pronunciada no VI Congresso Latino-americano de Psicopedagogia, promovido pela ABPp, Associação Brasileira de Psicopedagogia, disponível em DVD. www.abpp.com.br.
- 2 JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. Dicionário de Filosofia. Editora Jorge Zahar, 1996.
- 3 Duas obras que são referências essenciais para o aprofundamento deste tema tão importante: MORAIS, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente Editora Papyrus, Campinas, 1997, e VASCONCELLOS, Maria José E. de. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. EDITORA PAPIURUS, CAMPINAS, 2003.
- 4 RIFKIN, Jeremy e HOWARD, Ted. Entropy: A new world view. Toronto, Bantam Books, 1981. Citado por VASCONCELLOS, Maria José E. de. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Editora Papyrus, Campinas, 2003.
- 5 Sobre estes temas, competências e habilidades, produzi: BEAUCLAIR, João. Psicopedagogia, trabalhando competências, criando habilidades. Editora WAK, Rio de Janeiro, 2004.
- 6 NEVES, Siloé Pereira. Aprendizagem, vínculo e comunicação. In: MAZZINI, Elcie F. Salzano (org). O ato de aprender. I Ciclo de Estudos de Psicopedagogia Mackenzie. Editora Mennon/Editora Mackenzie, São Paulo, 1999, p.35.
- 7 Amplio estas idéias em: BEAUCLAIR, João. O que aprende quem ensina? Navegando em redes, revendo trajetórias, construindo outros roteiros. Trabalho apresentado no Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos, promovido pelo GRUPALFA-UFF, na Faculdade de Educação da UFF - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- 8 SENGE, Peter. A Quinta Disciplina: arte e prática da organização que aprende. São Paulo: Best Seller, 1998.